



## **Perfil dos discentes de um curso de Pedagogia privado de Belo Horizonte: estimulando reflexões**

### ***Profile of students of a Belo Horizonte Pedagogy course: stimulating reflections***

Profa. Márden de Pádua Ribeiro; Camila Silva Palhares Leite  
Flávia Raiane de Jesus Ramos; Nayara Alves Teixeira  
Loyanne Batista Vasconcelos

Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas de Belo Horizonte – FACISABH

#### **Resumo**

O presente artigo é fruto de pesquisa realizada em um grupo de estudos e pesquisas de Formação Docente (GEPFOR) de uma instituição privada de Belo Horizonte. Especificamente, a pesquisa buscou, através de questionários estruturados, um levantamento do perfil dos estudantes do curso de Pedagogia da instituição. Tal levantamento compreende todos os períodos do curso, e teve duração de três anos. O questionário se divide em dois eixos: pessoal e pedagógico. Como recorte temático, o presente trabalho abordará o eixo pessoal. Portanto, o objetivo é analisar o perfil levantado após estudo realizado, indicando os principais desafios da formação de futuros pedagogos, descrever o perfil dos discentes do curso e problematizar alguns apontamentos que os dados coletados sugerem. Ao fim, pretende-se sugerir caminhos possíveis para aprofundamentos em novas pesquisas.

**Palavras-chave:** Pedagogia; Perfil; Discentes.

#### **Introdução**

O presente trabalho trata-se de um Relato de Pesquisa, a ser apresentado em forma de comunicação oral, e tem como tema o perfil de discentes de um curso de Pedagogia privado de Belo Horizonte.

Levantar o perfil dos estudantes de pedagogia, futuros profissionais da educação, é de crucial importância, se quisermos compreender com mais profundidade quem são estes sujeitos que irão atuar, em futuro próximo, na formação de crianças e jovens. É desnecessário dizer da importância da pedagogia para a sociedade, mas é importante

ressaltar que a Pedagogia não se limita apenas ao ensino infantil e aos anos iniciais do ensino fundamental, ao contrário, a atuação do pedagogo é mais ampla e abarca também outros espaços educativos, escolares ou não (BRASIL, 2006).

O objetivo do presente trabalho é descrever e analisar o perfil dos discentes de um curso de Pedagogia privado de Belo Horizonte, a partir de pesquisa realizada na instituição, sob a orientação do grupo de estudos e pesquisas de formação docente (GEPFOR). Neste grupo, durante um ano, foram coletados questionários distribuídos aos estudantes de pedagogia, e após a coleta, o grupo tem se debruçado nas análises provenientes dos dados, no intuito não só de problematizar desafios referentes ao curso em si, como também suscitar novas reflexões e aprofundamentos de pesquisas, a partir do que os dados sugeriram.

Assim sendo, para fins de recorte temático para o presente trabalho, objetivou-se debruçar a respeito da parte pessoal e cultural do questionário, que traz à tona a faixa etária dos discentes, a dimensão do trabalho, localização geográfica, religiosidade e acesso a lazer, esporte e cultura, bem como conhecimentos de informática.

Conhecer o perfil destes estudantes nos possibilita uma noção mais concreta dos desafios didáticos, curriculares e sociais que atualmente possuem os cursos de Pedagogia, para dar conta de uma diversidade de estudantes, com demandas específicas. Além do mais, os docentes destes cursos de Pedagogia devem ter o conhecimento destes perfis de seus estudantes, de modo a vincular seus conteúdos, fundamentais à teoria pedagógica, à uma realidade social, econômica e cultural da qual são oriundos. Evidente que o perfil destes estudantes carrega a marca de suas realidades, e é a partir delas que irão se debruçar no campo acadêmico, tomando contato com grandes teorias e debates educacionais cruciais. Não pode o docente de um curso de Pedagogia desconsiderar o perfil destes sujeitos.

Sabe-se, a partir de pesquisas de Gatti (2010), que principalmente nas licenciaturas, há certa hegemonia da camada popular no que diz respeito a entrada nos cursos. Em outras palavras, as licenciaturas tem atraído a classe trabalhadora para os bancos da faculdade. Para alguns, a explicação desse fenômeno pode se dar pelo fato de que são cursos menos concorridos, com notas de corte mais reduzidas nos vestibulares. Fato é que, nos últimos anos, as licenciaturas entregam à sociedade profissionais da educação oriundos de camadas populares, que irão disputar seu lugar ao sol no mercado competitivo e individualista, típicos da sociedade neoliberal.

A pesquisa utiliza o termo "perfil" sem nenhum outro complemento, "sociocultural", "afetivo", "cognitivo" pela seguinte razão: considera-se perfil do ponto de vista do significado estrito da palavra, de acordo com Ferreira (2009, p.276), o termo designa vários significados, sendo que um em especial embasa a noção de perfil aqui retratada: relato breve, em que, a traços rápidos, se apresenta a vida de uma pessoa". Acerca desse perfil geral dos discentes, é inegável que nos últimos anos, no Brasil, assistiu-se a uma ampliação do acesso ao ensino superior.

## **Metodologia**

A pesquisa realizada pelo GEPFOR é quantitativa (GIL,2002) e utilizou como técnica de coleta dos dados, o questionário estruturado. Para Lakatos e Marconi (2005), o questionário é constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito pelo pesquisado, de preferência sem a presença do pesquisador. Junto do questionário, deve ser enviada uma carta explicando a pesquisa e garantindo o anonimato do pesquisado.

Apresenta como vantagens atingir maior número de pessoas simultaneamente; há maior liberdade nas respostas, em razão do anonimato; há menos risco de distorção pela não influência do pesquisador e há mais tempo para responder o questionário e em hora mais favorável. Como limitações, podem ser apontada a porcentagem pequena dos questionários que voltam; impossibilidade de ajudar o informante em questões mal compreendidas; o desconhecimento das circunstâncias em que foram preenchidos os questionários torna difícil o controle e a verificação; nem sempre é escolhido quem responde ao questionário, invalidando as questões (LAKATOS; MARCONI, 2005).

No entanto, a utilização de um questionário foi a forma melhor encontrada devido também ao alto volume de alunos para responder, sendo que as questões não apresentavam uma complexidade que os demandasse dúvidas durante a resolução. O questionário, assim, permite aos pesquisadores maior agilidade na tabulação dos dados. No entanto, no questionário aplicado, foram utilizadas questões abertas. Para Gil (2002) não é muito comum este recurso em questionários, pois justamente dificulta-se para ordenar os dados, contudo, ainda assim optou-se por este tipo de questão pois dariam uma dimensão mais exata do que se objetivava pesquisar.

Os questionários foram aplicados durante o ano de 2015, nos turnos da manhã e da noite do curso de Pedagogia, de forma contínua. Eram escolhidos pelos grupos de

pesquisas, momentos específicos para sua aplicação, sempre com o consentimento da coordenação do curso e explicação prévia dos objetivos da pesquisa, também aos alunos. A aplicação partiu dos seguintes princípios: todos os períodos do curso de Pedagogia serão contemplados, porém, apenas em uma ocasião, de modo que um período não tornará a responder o questionário no semestre seguinte. A participação não foi obrigatória, muito menos estimulada através de benefícios avaliativos.

Ao todo, foram levantados 370 questionários, quase todos respondidos em sua totalidade, de modo que nenhum foi descartado pela presente pesquisa. O questionário estruturado foi dividido em três eixos: pessoal, cultural e pedagógico.

No eixo pessoal, foi perguntado aos alunos questões que perpassam por dimensões que poderiam dar um esboço de perfil geral destes alunos, abordando aspectos da religiosidade, faixa etária, moradia, que músicas mais gostam, que tipos de programas televisivos assistem, quais livros foram mais marcantes, que filmes foram marcantes em suas vidas, o que acessam na internet, se é que a possuem, e se no momento da aplicação, possuíam algum tipo de trabalho.

Consideramos fundamental abordar essas questões para que, ainda que de modo limitado, seja ofertada ao sujeito a palavra, de modo a conhecê-lo melhor. É crucial que o curso de pedagogia saiba razoavelmente quem são estes futuros profissionais da educação, e os docentes do curso precisam se inteirar destes sujeitos, até porque, durante o curso, repetem continuamente aos alunos a importância deles, em suas práticas, conhecerem os sujeitos nos quais darão aula, para aqueles que seguirão a carreira docente.

No eixo cultural, investigou-se os hábitos dos discentes no tocante à leitura, acesso à internet e lazer. O questionário compõe-se de um terceiro eixo: o pedagógico. Contudo, devido a necessidade de um recorte temático e o próprio limite de tempo que todo e qualquer evento acadêmico abarca, será abordado como recorte temático as descrições, análises e problematizações do eixo pessoal e cultural do questionário.

## **Resultados e Discussão**

A primeira parte do questionário, denominada de "parte pessoal" perguntava aos discentes da Pedagogia, além da idade: a religião, se trabalham e em que área, onde moram e com quantas pessoas residem, o estado civil e a renda familiar bruta. Tais

informações esboçam um certo perfil de discente, não do ponto de vista comportamental, mas socioeconômico.

Talvez o dado mais óbvio da pesquisa, seja a questão do gênero predominante no curso de Pedagogia: feminino. O fato de haverem mais mulheres do que homens, não é um fenômeno recente no magistério brasileiro. A passagem do século XIX para o século XX consolidou, o que Tanuri (2000) denomina como uma "feminização" do magistério, em decorrência da ascensão industrial no Brasil, que necessitava de mão de obra, sobretudo, masculina nas indústrias. Com isso, em uma sociedade ainda profundamente patriarcal, o crescente número de mulheres no magistério contribuiu também para seu baixo reconhecimento. Os dados coletados trouxeram um número de mulheres esmagadoramente maior que de homens.

Ainda na questão do gênero, o número de homens correspondeu a 2% auto declarantes. A pesquisa estimula, com isso, uma nova pesquisa, qualitativa, com estes sujeitos do gênero masculino, de modo a compreender como se relacionam com a "feminização" do magistério, como tal questão interfere em seu percurso profissional, como se deu a escolha do curso e como lida com as pressões e preconceitos na sociedade.

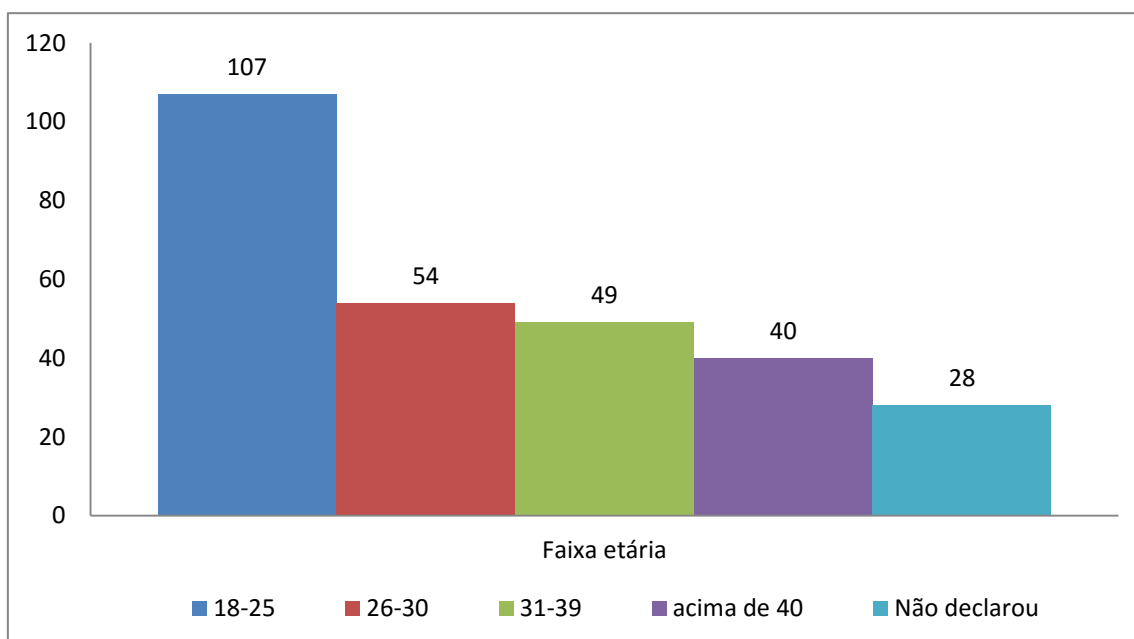


Figura 1. Faixa etária dos discentes do curso de Pedagogia

Partindo do pressuposto que se trata de um curso quase que homoganeamente feminino, a dimensão da faixa etária, por sua vez, trouxe uma grande pluralidade. Dividiu-se no questionário a faixa etária em quatro: uma mais jovem, de 18 aos 25 anos, e uma secundária dos 26 aos 30. Essa divisão se deu pois achamos muita longa a extensão dos 18 aos 30. Foi objetivo captar de fato a quantidade de discentes de 18 aos 25 anos. Nas faixas posteriores, optou-se por estender um pouco mais a faixa: 31 aos 39 anos, e acima de 40.

Pode-se perceber com clareza um considerável predomínio de um perfil jovem de discentes. Um recorte etário baixo, compreendendo 18 à 25 anos, ainda assim, revelou-se uma maior incidência de estudantes, seguidos pelo outro recorte etário posterior: 26 aos 30 anos. Somando-se os dois recortes, a faixa dos 18 aos 30 anos, representa uma ampla maioria no curso de Pedagogia em questão. Tal dado nos chama especial atenção, se compararmos com as pesquisas de Gatti (2010), em nível nacional, que revelaram uma faixa etária média de 36 anos de idade nos cursos de Pedagogia do Brasil.

Ao fazermos o comparativo com a faixa etária do mesmo curso, em anos anteriores, especificamente nesse dado, optamos pelo ano de 2012. Levantamos as matrículas dos graduandos à época, afim de conferir a faixa etária do curso naquele contexto. Foi percebido uma inversão: em 2012 a faixa etária predominante era "acima dos 40 anos", seguido pela faixa etária hoje predominante: 18 aos 25.

Ou seja, em 2012, havia uma nítida divisão geracional no curso, e já hoje em dia, embora tal questão geracional ainda ocorra, há uma hegemonia de um perfil mais jovem. Faz-se necessário problematizar: tal rejuvenescimento é fenômeno singular da instituição *locus* da pesquisa, ou tem sido tendência dos cursos de Pedagogia no Brasil? Se é tendência, ocorre tanto no âmbito privado como no público? Ademais, qual o impacto de um perfil discente mais jovem nos cursos de Pedagogia? Porque este curso tem atraído esse tipo de público, tendo em vista que o país sofre uma conhecida defasagem de docentes. E a questão do confronto geracional, se acirra ou diminui, com uma predominância de jovens no cotidiano da graduação? O presente artigo assim, pretende abrir as portas para novas pesquisas que procurem refletir tais questões.

Outro dado relevante, diz respeito a opção religiosa dos estudantes. Para nós, é crucial diagnosticar esse quadro, tendo em vista que a educação para a diversidade cultural, sexual, religiosa, é um pilar inegociável, presente não só na Lei de Diretrizes e

Bases da Educação Nacional (LDB/96) como também, corroborada no Plano Nacional de Educação em vigência. Entendemos que o respeito à diversidade e a opção religiosa não necessariamente andam separados, por outro lado, sabemos do desafio que é, um estudante de orientação religiosa consolidada, lidar com questões atuais polêmicas e complexas na educação, como por exemplo, a temática do gênero. Assim sendo, traçar o perfil dos estudantes sob esse prisma da religião é importante para oportunizar à instituição um retrato dos alunos no tocante a suas opções religiosas, e posteriormente, suscitar debates a respeito do imbricamento dessas duas dimensões: religiosidade e diversidade.

Historicamente, o Brasil é cristão, católico. Colonizado por um Estado português cristão e católico, as religiosidades indígenas foram rapidamente oprimidas, embora não extintas. Ainda que, conforme expressa Fausto (1999), judeus e protestantes tenham habitado esporadicamente a colônia brasileira, ainda assim, o catolicismo expressava-se de forma integral, misturando-se com outras dimensões políticas e econômicas.

Os primeiros números do Censo de 2010 sobre as religiões no Brasil só foram divulgados pelo IBGE no final de junho de 2012. Ainda assim, representa o que há de mais atual, do ponto de vista quantitativo, acerca do perfil religioso da população brasileira.

O catolicismo é ainda predominante, mas perde terreno a cada década, passando a se firmar como religião da maioria dos brasileiros, mas não mais a religião dos brasileiros. E pela primeira vez, no Censo de 2010, a queda percentual dos declarantes católicos explicitou-se em números absolutos, com o ritmo de crescimento menor dos católicos comparado ao crescimento da população brasileira. Teixeira e Menezes (2013) explicam que essa nova situação do catolicismo foi um dos efeitos da pluralização religiosa em curso no Brasil

Ainda assim, a presença católica é considerável. O Censo (2010) revela a presença de 123.280.172 milhões de declarantes católicos, ou seja, 64,63% da população total. A diminuição do catolicismo, entretanto, não significa a diminuição do cristianismo, já que o crescimento dos protestantes vem aumentando a cada década. Somando católicos e evangélicos chega-se a uma porcentagem de 86,8%, de toda a população brasileira declarante. A continuidade do crescimento evangélico foi percebida no Censo de 2010. Para Teixeira e Menezes (2013) ocorreu um significativo incremento na presença evangélica nas últimas décadas, com um salto de 6,6% em 1980

para 22,2% da população geral em 2010. Nada menos do que 42.275.440 milhões de evangélicos para uma população brasileira de 190.755.799.

Os dados revelaram-se em consonância com os dados do Censo do IBGE. Um maior número de estudantes católicos, porém, um número considerável de discentes protestantes (evangélicos). O cristianismo é absoluto no curso, sobrando um espaço reduzido aos poucos declarantes que não possuem religião, o que não anula o fato de serem cristãos. Alguns estudantes se intitularam "cristãos": eis uma limitação de qualquer questionário em uma pesquisa, pois não há espaço para uma explicação mais detalhada em relação ao significado do termo "cristão" para esses discentes. Do mesmo modo que aqueles que declararam não ter religião, não necessariamente podem ser considerados ateus. Ao contrário, podem ter se expressado, de outro modo, também como "cristãos". Essas dúvidas existem devido ao fato de que essa questão, no questionário, foi aberta. De modo proposital, foi intenção da pesquisa deixar que os próprios respondentes nomeassem sua religião, pois acredita-se que assim fala-se menos pela escolha do sujeito, em um item complexo como o da religiosidade.

Ressalta-se que como a questão foi aberta, alguns discentes responderam a religião e a igreja na qual frequentam, porém, considerou-se apenas a religião declarada. Percebe-se um perfil discente religioso, do ponto de vista da declaração. Posteriormente, com os dados culturais, essa questão ganhará mais peso, quando observarmos que muitas opções culturais dos discentes, são de viés religioso. Por agora, cabe ressaltar o caráter de identificação religiosa do curso de Pedagogia.

Tais dados reforçam a importância de se problematizar a questão da diversidade, em meio a um alunado que diz professar uma religião. Atitudes de nítido fundamentalismo religioso não são raras no cotidiano brasileiro, e a educação é um componente crucial no sentido de afastar todo e qualquer radicalismo/fundamentalismo, em prol do convívio com a diferença. Abarcar diversidade e religião, a nosso ver é componente fundamental do curso de Pedagogia, que apresenta quase que em sua totalidade, futuros profissionais da educação que seguem alguma doutrina religiosa.



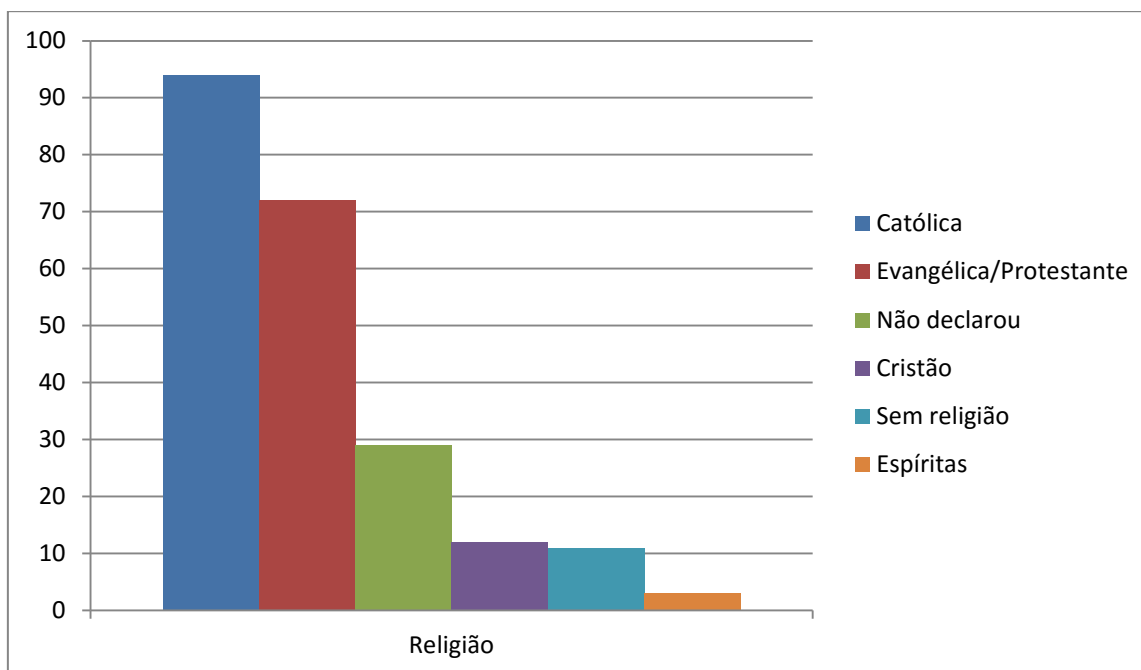


Figura 2. Opção religiosa dos discentes do curso de Pedagogia

É fundamental, portanto, o desenvolvimento de pesquisas que abarquem o binômio religião-diversidade, no âmbito da formação de professores. Como esses futuros profissionais da educação enxergam a temática do gênero e da sexualidade? Esse é um só exemplo da infinidade de temas que podem e devem ser abordados, a partir da constatação da alta predominância de discentes que professam alguma religião, nos cursos de Pedagogia. É fundamental, a nosso ver, defender que a religiosidade existe não para anular, esmagar e silenciar a diferença. Ao contrário, fundamenta-se no acolhimento, no convívio e no respeito ao outro.

Este perfil de alunado, majoritariamente feminino, cristão, e de faixa etária majoritária entre os 18 e 25 anos, residem em sua maioria em Belo Horizonte, e dividem o lar com um número alto de pessoas (a maioria disse residir com 3 a 5 pessoas). Onde se mora muitas pessoas, em tese, dificulta-se o estudo em casa? É uma questão importante para se pesquisar em um futuro aprofundamento. De que modo residir com muitas pessoas, dificulta o momento apropriado de silêncio e privacidade, do estudo?

A questão da residência, da moradia, é um fator importante na vida dos estudantes da Pedagogia. Ainda que morem na própria Belo Horizonte, um número alto de discentes residem em bairros afastados da instituição que estudam. Ademais, existem

aqueles que moram regiões metropolitanas periféricas e ainda uma minoria que reside em outra cidade. Isso implica em deslocamentos, via transporte público, em horários de pico, que certamente potencializam o cansaço, tendo em vista que ampla maioria estuda e trabalha.

Do ponto de vista dos gostos pessoais/culturais, chama a atenção a predileção por músicas e livros de conteúdo religioso (coerente com o gráfico da religiosidade), e a ênfase na bíblia quando perguntadas "qual livro mais lhe marcou?". Tais dados nos remonta novamente à centralidade da questão religiosa no curso, em meio a necessidade de se debater temáticas educacionais que pressupõem total respeito à diversidade. A partir do momento que a maioria dos discentes expressa hábitos de leitura e de musicalidade de viés religioso, diz frequentar assiduamente instituições religiosas como exemplo de lazer, torna-se perceptível que de fato há um perfil religioso de discentes futuros pedagogos.

Um dado importante diz respeito à dimensão do trabalho entre os estudantes do curso. Poder-se-ia inferir que com um perfil etário tão jovem como demonstrado, o número de estudantes que não trabalham, ou, pelo menos, não atuam ainda no campo educacional, seria razoavelmente alto. No entanto, os dados apontaram o inverso: a grande maioria dos discentes trabalham, e um número alto já atua no campo educacional. Seja como estagiários, ou mesmo profissionais da educação contratados através do magistério na modalidade ensino médio normal, fato é que uma gama considerável de estudantes perpassa pelo curso de Pedagogia, intercalando a própria atuação no campo.

É inegável que este detalhe faz enorme diferença e produz impacto considerável para os docentes da graduação. Ignorar esse dado, desarticular os conhecimentos teóricos contidos nas disciplinas, com a dimensão da prática, certamente não é o caminho a se seguir. É desafiador aos docentes do curso, lecionar para um público que já atua na área, pois exige do docente um conhecimento do campo educacional também na esfera cotidiana, e não só teórica e abstrata.

Os discentes se constituem como trabalhadores-estudantes, e conciliam essas duas atividades, em meio a demandas normais de uma graduação: trabalhos, provas, textos e atividades extra-curriculares. Considera-se salutar a maciça presença dos estudantes já no trabalho com educação, pois, permite, se bem aproveitado, uma boa articulação entre o que enxergam em seus cotidianos, e aquilo que estudam nos textos.

A dimensão teoria-prática é desafio problemático nas graduações em Pedagogia, acusadas de excessivamente teóricas, pouco vinculadas com a prática, ou, no extremo oposto, excessivamente mecanizadas, calcadas no "como fazer", sem o mínimo de reflexão mais sistematizada do ponto de vista da teoria educacional. Tais constatações são feitas também na pesquisa desenvolvida por Pimenta (2014).

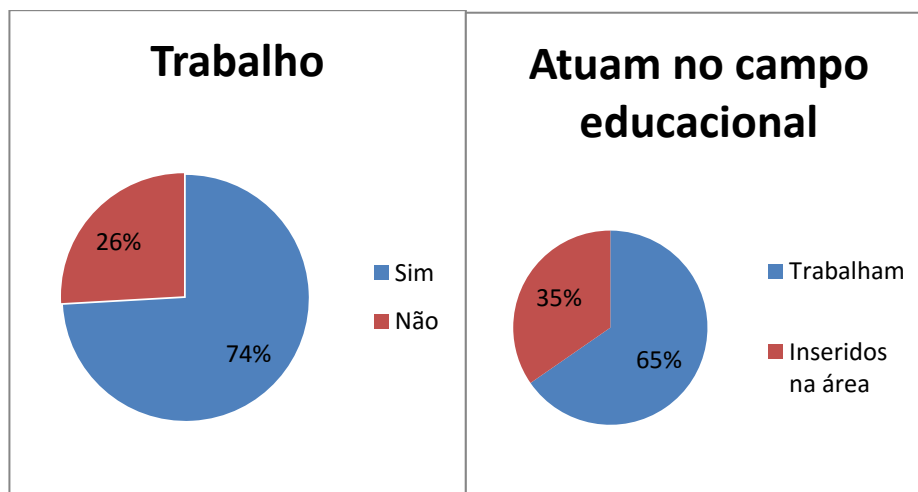


Figura 3. Dimensão do trabalho

O último dado que analisaremos, diz respeito à questão da renda dos discentes. Foi-lhes oportunizado 4 opções: até dois salários mínimos, de três a cinco, de cinco a oito e mais de oito salários mínimos. A referência utilizada foi da renda bruta familiar. Vale ressaltar que no questionário havia a somatória da renda, para facilitar aos discentes a percepção de seus contextos. Foi possível perceber que a maioria permeou entre os dois primeiros itens: até dois salários mínimos e de três a cinco. Somados, chegou-se ao elevado percentual de 92%.

Infere-se portanto, que o perfil discente, é de fato, oriundo de camadas populares. Se observarmos o elevado número de pessoas que moram nas residências, e compararmos à renda familiar, tem-se a nítida sensação de que em muitos casos, tal renda é insuficiente para um conforto familiar, sugerindo que tais discentes vivem em condições de muita luta, para lidar com os desafios financeiros da sociedade neoliberal.

A democratização do ensino, em todos os seus níveis, vem sendo discutida em várias instâncias da sociedade brasileira como uma necessidade do estabelecimento de

políticas públicas que garantam o acesso e a permanência de estudantes, especialmente os de baixa renda. Em relação ao ensino superior ganhou bastante expressão a defesa pela democratização desse nível através da criação de oportunidades para que os jovens das camadas populares possam acessar e concluir o ensino superior. Como observou Ristoff (2013, p. 45) “se a palavra de ordem da década passada foi expandir, a desta década precisa ser democratizar”.

### **Considerações Finais**

A partir dos dados coletados, e do recorte temático aqui realizado, percebe-se um certo perfil dos futuros pedagogos, com base na instituição pesquisada: estudantes da classe trabalhadora, de camada popular, mulheres, cristãs, de faixa etária rejuvenescida. Conhecer esse perfil nos motiva a aprofundar ainda mais a pesquisa, para que tenhamos uma noção ainda mais completa de quem são esses estudantes, e sobretudo, como têm compreendido a Pedagogia em suas vidas.

As instituições de ensino, de posse de dados dessa natureza, precisa atentar-se para a realidade desse alunado, estreitando o diálogo com eles, e não para eles. Outras que não possuem tais dados, poderiam realizar pesquisas internas de modo a levantar o perfil de seus alunos. Quanto mais pesquisas desse porte, maior e melhor será a compreensão de quem são os futuros pedagogos que poderão atuar na docência lidando com a futura geração de brasileiros.

A pesquisa considera relevante tais informações, não somente para levantamento do perfil discente de uma instituição privada, mas, sobretudo, para que tais dados sejam comparados com outras realidades, em outros espaços, e que motive novas pesquisas, mais segmentadas, que consigam aprofundamento em questões aqui perpassadas: religiosidade-diversidade; homens na Pedagogia; articulação teoria-prática; momentos de privacidade para o estudo, renda-permanência-qualidade. Tais apontamentos são um dentre vários possíveis, que podem e devem ser alimentados a partir das problematizações levantadas pelos dados.

### **Referências**

BRASIL. **Resolução CNE/CP 1/2006**. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Pedagogia, licenciatura. Diário Oficial da União, Brasília, 16 de maio de 2006, Seção 1, p.11.



BRASIL. **Censo Demográfico**. IBGE, 2010

FAUSTO, Bóris. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 1999.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

GATTI, Bernadete Angelina. Formação de professores no Brasil: características e problemas. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1-25, 2010.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

LEONEL, Guilherme. Campo religioso brasileiro na contemporaneidade: continuidades, descontinuidades, transformações e novos ângulos de análise. **Interseções**. Rio de Janeiro, v. 12 n. 2, p. 382-407, 2010

MARCONI, Marina Andrade.; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

PIMENTA, Selma Garrido. **A formação de professores para a Educação Infantil e para os anos iniciais do Ensino Fundamental**: análise do currículo dos cursos de Pedagogia de instituições públicas e privadas do Estado de São Paulo. In: XVII ENDIPE – Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino, 2014, Fortaleza. Fortaleza: CD Rom, v. 1. p. 02-18, 2014.

RISTOFF, Dilvo. Perfil socioeconômico do estudante de graduação. Uma análise de dois ciclos completos de ENADE (2004 a 2009). **Cadernos do GEA**. Rio de Janeiro, n.4, jul./dez. 2013.

TANURI, Leonor. História da Formação de Professores. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n.14, p. 61-88, maio/agosto, 2000.

TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Orgs.). **Religiões em movimento**: o censo de 2010. Petrópolis, Vozes, 2013.